

## NOTA SOBRE A POSSE DE ESCRAVOS NOS ENGENHOS E ENGENHOCAS FLUMINENSES (1778)

Iraci del Nero da Costa \*

Já ficou demonstrado que em muitas áreas do Brasil colônia, considerados distintos substratos econômicos, era dos mais expressivos o peso relativo dos pequenos escravistas; evidenciou-se, ademais, que grande parte dos cativos agrupava-se em plantéis de porte médio ou pequeno; destarte, nem o escravo típico integrava um grupo com número muito elevado de cativos, nem o escravista típico mostrava-se um grande proprietário.<sup>1</sup> Tais evidências decorreram de estudos nos quais foram contemplados, para dadas comunidades, todos os proprietários de escravos, sem discriminação, portanto, desta ou daquela atividade econômica desenvolvida pelos mesmos e por sua massa de cativos. Neste artigo, obedecendo à limitação imposta pelos dados, efetuamos a análise da estrutura de posse de escravos dos engenhos e engenhocas fluminenses arrolados na *Relação do Marquês de Lavradio*.<sup>2</sup> Os dados concernem a 1778 e, conforme nota dos editores da revista que estampou este documento, correspondem às "relações parciais enviadas ao Marquês de Lavradio pelos mestres de Campo, a cujo cargo estavam os distritos milicianos, compreendendo as freguesias do recôncavo do Rio de Janeiro".<sup>3</sup> Para efeito de cômputo contemplamos, aqui, as propriedades efetivamente produtivas, voltadas ao preparo do açúcar ou da aguardente, e para as quais constou o número de escravos pos-

(\*) — Professor-Assistente Doutor do Departamento de Economia da FEA-USP.

(1) — A título ilustrativo lembramos as seguintes obras: LUNA, F. V. *Minas Gerais: escravos e senhores*. São Paulo, IPE-USP, 1981; SCHWARTZ, Stuart B. Padrões de propriedade de escravos nas Américas: nova evidência para o Brasil. *Estudos Econômicos*, IPE-USP, São Paulo, 13 (1):259-87, jan./abr. 1983; COSTA, Iraci del Nero da & LUNA, F. V. Posse de escravos em São Paulo no início do século XIX. *Estudos Econômicos*, IPE-USP, São Paulo, 13 (1):211-21; GUTIÉRREZ, Horacio. *Senhores e escravos no Paraná (1800-1830)*, São Paulo, IPE-USP, 1986. mimeo.

(2) — *Relação do Marquês de Lavradio*, parte II, *Revista do IHGB*, tomo 76, parte 1, 1913, Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1915. p. 285-360.

(3) — *Relação do Marquês de Lavradio*, *op. cit.*, p. 287.

suídos por seus proprietários; foram excluídas, portanto, as unidades desativadas e umas poucas para as quais faltou a informação aludida.<sup>4</sup>

As engenhocas, como sabido muito mais modestas que os engenhos, representavam 35,1% das propriedades aqui contempladas e absorviam, tão-somente, 14,0% dos escravos em tela. Em média, em cada engenhoca contavam-se 10,82 cativos, a moda correspondia a 6 escravos e o valor do índice de Gini era 0,416, a indicar que não havia grande concentração da propriedade escrava dos proprietários voltados à produção da aguardente. Ademais, este índice era superior ao observado nos engenhos de algumas localidades paulistas e baianas e inferior ao daqueles situados na área fluminense; isto significa que os proprietários de engenhocas, no que diz respeito à posse de escravos, mostravam-se como u'a massa relativamente mais heterogênea do que os senhores de engenhos paulistas e baianos e mais homogênea do que os proprietários de engenhos do Rio de Janeiro. Lembre-se, por fim, que apenas duas propriedades que produziam exclusivamente aguardente — 1,1% do total das mesmas — apresentavam-se sem cativos.

Consideremos agora os engenhos, nos quais, como repisado, à produção do açúcar associava-se a de aguardente. Conforme se depreende da Tabela 1, parte substantiva dessas propriedades detinha de 21 a 40 cativos: 116 sobre 373, ou seja, 35,9%; nas mesmas compareciam 3.565 cativos, 30,7% do total de escravos dos engenhos. Neste mesmo intervalo de tamanho de plantel colocavam-se a moda — 30 escravos — e a média de cativos por engenho — 35,98; já o índice de Gini alcançava o valor 0,522 (cf. Tabela 2).

TABELA 1  
Distribuição dos escravos  
(Rio de Janeiro — 1778)

Faixas de tamanho dos plantéis	Engenhos			Engenhocas		
	Número de engenhos	Escravos		Número de engenhocas	Escravos	
		N.ºs abs.	%		N.ºs abs.	%
0 a 5	24	74	0,6	53	167	8,8
6 a 10	40	308	2,6	51	399	21,1
11 a 20	81	1.269	10,9	49	664	35,1
21 a 40	116	3.565	30,7	20	569	30,0
41 a 60	28	1.379	11,9	2	95	5,0
61 a 80	16	1.183	10,2	—	—	—
81 a 100	8	736	6,3	—	—	—
+ de 100	10	3.109	26,8	—	—	—
Totais	323	11.623	100,0	175	1.894	100,0

Fonte: Relação do Marquês de Lavradio, *op. cit.*

O confronto dos valores destes indicadores com os prevaletentes em algumas localidades de São Paulo e da Bahia<sup>5</sup> permite-nos inferências adicionais. Assim, a média de cativos por propriedade mostrava-se, no Rio de Janeiro, acima da vigente em São Paulo e muito inferior à observada na Bahia; quanto à

(4) — Tenha-se presente, portanto, que trabalhamos a nível de propriedades, e não de proprietários, e que apenas consideramos as que estavam em condições de produzir pelo menos um daqueles dois bens.

(5) — Para efeitos comparativos tomamos, consentâneos com os em foco, dados concernentes a propriedades produtoras de açúcar e aguardente (engenhos); excluem-se, assim, as engenhocas nas quais produzia-se, tão-somente, aguardente.

moda, nos engenhos fluminenses verificava-se valor que equivalia ao dobro do vigorante em São Paulo. Com respeito ao índice de Gini, o Rio de Janeiro distinguia-se marcadamente das outras duas capitânicas; destarte, a concentração da propriedade escrava era bem superior no Rio (com índice de Gini de 0,522) do que naquelas capitânicas: o valor máximo na Bahia alcançava-se a 0,30 e em São Paulo atingia 0,37. Isto significa que a massa de proprietários fluminenses era marcadamente mais heterogênea do que a paulista e a baiana. Do exposto pode-se concluir que a escala dos engenhos paulistas era menor do que a dos demais e que o porte dos mesmos não era muito dessemelhante; na Bahia encontravam-se as propriedades maiores e mais homogêneas, enquanto as do Rio mostravam-se mais diversificadas em termos de escala e esta apresentava-se nitidamente superior à de São Paulo e claramente inferior à da Bahia.

TABELA 2

Indicadores estatísticos concernentes a engenhos de açúcar  
(localidades e anos selecionados)

Localidades (ano)	Número médio de escravos	Moda	Índice de Gini
Rio de Janeiro (1778)	35,98	30	0,522
Campinas (1804)	21,2	15	0,35
Itu (1804)	24,8	11	0,36
São Sebastião (1804)	32,1	15	0,37
V. de S. Francisco (1816-17)	69,5	—*	0,21
V. de Santo Amaro (1816-17)	61,8	—*	0,30

(\*) indicador não apresentado pelo autor.

Fontes: Localidades paulistas (Campinas, Itu e São Sebastião), COSTA, Iraci del Nero da & LUNA, F. V., *op. cit.*, p. 220; localidades baianas (Vila de São Francisco e Vila de Santo Amaro), SCHWARTZ, S.B., *op. cit.*, p. 272.

Aí vão arroladas algumas observações sobre a estrutura de posse de escravos nos engenhos e engenhocas fluminenses. Esperamos que estudos futuros, calcados em dados mais ricos e informações mais detalhadas, nos propiciem conhecimento mais profundo sobre a posse de escravos no Rio de Janeiro.

*Recebido para publicação em 4 de dezembro de 1987*